

Ubi Amor Ibi Oculus

Observatório da Pobreza: educar o olhar para despertar o coração

Caríssimos Confrades,

numa Circular anterior, de 2017, *Despertar o Coração*, eu concluía uma reflexão sobre o encontro de Jesus com a Viúva de Naim (cf. Lc 7,11-17), retomando o dito medieval: *Ubi amor, ibi oculus* (onde há amor, aí há capacidade de ver). Naquela passagem eu sublinhava, com as palavras da Encíclica *Deus Caritas Est* (n. 31), que o programa de Jesus é um “*coração que vê*” e, por isso, é capaz de alcançar a pessoa justamente no ponto mais ferido. A sua compaixão não nasce de uma ideia genérica de bondade, mas de um olhar que não desliza pela superfície, não reduz o outro a um caso entre tantos, não se protege pela distância. No meio da “*grande multidão da cidade*”, Jesus tem olhos sobretudo para aquela mãe viúva, cujo filho único “*estava sendo levado ao sepulcro*”: “*Ao vê-la, o Senhor encheu-se de compaixão por ela...*”. O olhar, quando é habitado pelo coração, sabe dar prioridade; sabe reconhecer o essencial; sabe deter-se onde a dor é mais urgente.

Acrescentava também que, se é verdade *Ubi amor, ibi oculus*, é igualmente verdade *Ubi oculus, ibi amor*: onde o nosso olhar sabe ver a dor sem desviar-se, ali pode renascer o amor. Trata-se de uma disciplina do “*olhar*” que se torna disciplina do “*coração*”. E esta disciplina vai beber a sua fonte na Eucaristia, especialmente quando pedimos: “*Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que, a exemplo de Cristo e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no serviço a eles.*” (Oração Eucarística para diversas circunstâncias, IV).

Desta oração nasce para nós uma tarefa muito concreta: educar o olhar para despertar o coração. Muitas vezes não é que não amamos; é que não vemos bem nem o suficiente. Habitamo-nos às situações, adaptamo-nos às fragilidades, “normalizamos” as lágrimas alheias ou – pior ainda – ideologizamos a pobreza e, assim, o pobre torna-se vítima de bandeiras políticas. Desse modo, o risco é que a nossa caridade se torne predominantemente “institucionalizada”, ou seja, respostas organizadas, “em ordem” com a burocracia, com uma preocupação constante de adequação a normas e procedimentos, bem como de fazer as contas fecharem.

O 15º Capítulo Geral, na Linha de Ação n. 8, sobre o “*Estilo de vida pobre para o apostolado entre os pobres*”, embora reconhecendo nas Províncias e Delegações “*consideráveis esforços... para enfrentar a pobreza de fronteira*”, evidenciou também alguns “*algum medo e resistência*”. Reconhecia que, por vezes, temos dificuldade “*em deixar nossas Comunidades e atividades tradicionais (zona de conforto) para enfrentar, com estilo pobre, as novas pobreza e as situações emergentes destes tempos novos* (cf. 15CG n. 52).

Diante desta realidade, o Capítulo nos impulsionou a sonhar: “*Sonhamos com uma Família Religiosa que passe cada vez mais das obras de caridade a operar a caridade...*”. E, para que o sonho se torne realidade, o documento capitular propôs na Linha n. 8 – como primeira, entre cinco ações – a instituição, “*em todos os níveis*”, de um “*observatório da pobreza*”.

“Observatório da Pobreza”: de que estamos falando

A proposta de um “*Observatório da Pobreza*” amadureceu durante os trabalhos do Capítulo Geral, originalmente no contexto da Comissão 2 (Núcleo Comunhão), dedicada aos “*Papéis e relações com a atividade apostólica*”.

No discernimento da assembleia capitular, a proposta foi acolhida, mas inserida na Linha de Ação n. 8 sobre o “*Estilo de vida pobre para o apostolado entre os pobres*”. Esta passagem já nos oferece uma indicação importante: o “Observatório” não deve ser entendido, antes de tudo, como um escritório ou uma nova estrutura, mas como um estilo. É uma escolha de coerência carismática: permanecer próximos das pobrezaas reais, especialmente daquelas que não fazem barulho e não são imediatamente visíveis, e aprender a ler e observar o território com olhos evangélicos.

Na formulação da proposta influenciou uma experiência eclesial recordada por alguns confrades italianos: o “*Observatório das Pobrezas e dos Recursos*” (OPR), promovido pela Caritas Italiana em muitas dioceses.

Nascido no contexto do Congresso Eclesial de Loreto (1985), o OPR foi pensado como instrumento da Igreja local para identificar de modo sistemático situações de pobreza, sofrimento e exclusão, e para ajudar a ler as respostas já existentes. Recordava-o também uma Nota Pastoral da CEI (1985): é preciso “*adquirir uma competência adequada na leitura das pobrezaas... através de um ‘observatório permanente’, que não deveria faltar em nenhuma Igreja local*”.

Também a sua configuração ajuda a compreendê-lo: não basta uma única pessoa. É necessária uma pequena equipe, com competências diversas (escuta, instrumentos informáticos e estatísticos, leitura social, sensibilidade teológica), coordenada por um responsável. O objetivo não é produzir dados por si mesmos, mas oferecer uma ajuda concreta para discernir e animar a atividade pastoral e caritativa.

Por isso, a indicação capitular pode ser-nos de grande ajuda: em todos os níveis, favoreça-se um “observatório das pobrezaas” que estimule e organize novas respostas. Os objetivos são claros: aprender a ler a realidade, as necessidades e as fragilidades do lugar e das pessoas, partilhar o que emerge, discernir juntos e deixar-se conduzir a escolhas mais corajosas. É um modo de não nos isolarmos jamais, de permanecermos próximos dos últimos e de guardar, nas transformações do tempo presente, a beleza da caridade orionita.

“Olhar o mundo como Deus o olha”

Para compreender a importância desta proposta capitular, partamos de uma passagem fundamental do discurso do Papa Francisco à nossa Família, ao término do Capítulo. O Papa nos recordou que lançar-se “*no fogo dos tempos novos*” significa “*olhar o mundo como Deus o faz*”, sem medo e sem preconceitos, com discernimento e simpatia. E indicou-nos a Palavra que guia esse olhar, evocando a experiência do Êxodo: “*Eu vi a miséria do meu povo... Desci para libertá-lo*” (Ex 3,7-8). Por isso, concluía: “*Devemos ver as misérias do nosso mundo como a razão do nosso apostolado e não como um obstáculo*”.

Estas palavras nos dão uma chave carismática e pastoral: os “*tempos novos*” não são apenas um desafio que devemos enfrentar, mas um lugar onde habitar com coração apostólico, aprendendo a olhar a realidade “*como Deus a olha*”.

No episódio da sarça ardente, recordado pelo Papa, impressiona a insistência no verbo “*ver*”, que acompanha ao mesmo tempo os passos de Moisés e o agir de Deus. Moisés “*vê*” um sinal que o inquieta e o atrai; Deus “*vê*” a miséria do seu povo e, a partir desta visão, revela-se como um Deus sensível e envolvido, com o coração em movimento (cf. Ex 3,1-17).

O texto bíblico insiste fortemente em dizer que não se trata de um olhar distraído nem de uma piedade genérica: é o olhar profundo de um Pai que vê até o fundo. E logo a visão torna-se escuta: “*Ouvi o seu clamor*”; depois torna-se conhecimento no sentido mais pleno: “*Conheço os seus sofrimentos*”, isto é, tomo-os no coração; por fim, torna-se decisão: “*Desci para libertá-lo... e para fazê-lo sair*”. Eis o dinamismo divino: vê, escuta, conhece, desce. Se Deus é Deus, não pode permanecer neutro. Assim toma forma a sua grande “*descida*”, que atravessa a história e alcança o seu ápice na encarnação do Filho.

Há depois um detalhe que nos toca de perto: a resposta de Deus ao clamor do pobre não é, antes de tudo, “algo”, mas “alguém”. Deus responde chamando Moisés: “*Agora vai! Eu te envio para que faças sair o meu povo...*” (Ex 3,10). É a lógica vocacional que percorre toda a Escritura: Deus observa e responde com um enviado; ontem Moisés e os profetas, depois o Filho; e ainda hoje a Igreja, os discípulos de Jesus. Chamou Luís Orione e continua a chamar-nos, seus filhos: observa, chama, envia, envolve, coloca em caminho.

Neste horizonte compreende-se a verdadeira natureza do “Observatório da Pobreza”. Insisto! Não deve ser pensado, antes de tudo, como um escritório ou uma nova estrutura, mas como disciplina do olhar e do coração: uma tentativa humilde de assumir a própria perspectiva de Deus, aprendendo a observar, escutar e discernir como Ele. No episódio da sarça ardente, Deus não dá a Moisés uma simples informação, mas um modo de estar diante da realidade para poder lançar-se no “fogo”: vê a miséria, escuta o clamor, conhece o sofrimento e desce para libertar. É um olhar que se torna imediatamente missão.

Por isso, *olhar o mundo como Deus o faz* significa deixar-nos educar ao olhar do coração: ver as misérias como razão do apostolado, escutar os clamores que não encontram voz, ler e discernir juntos a realidade e traduzir aquilo que vemos em escolhas de caridade.

A vida do povo é fonte de caridade apostólica

“*Eu vi a opressão do meu povo no Egito, tomei conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-lo*” (Ex 3,7-8). Se Deus se revela com este dinamismo do olhar, quem deseja segui-lo deve aprender a olhar do mesmo modo.

O Evangelho confirma tal dinamismo. “*Vendo as multidões, Jesus teve compaixão delas*” (Mt 9,36): não uma emoção passageira, mas um movimento profundo que nasce de um olhar que não passa adiante¹. Jesus “vê” as pessoas “cansadas e abatidas” e, deste olhar, nasce um chamado: “*A messe é grande... pedi...*”. A sua compaixão é geradora: faz nascer discípulos, suscita operários, abre caminhos. O rosto do povo torna-se lugar de revelação e origem da missão: também aqui a resposta não é, antes de tudo, “algo”, mas “alguém”.²

O 13º Capítulo Geral (2010), refletindo sobre o núcleo “Fontes”³, deu-nos esta intuição: “*A vida do povo pobre, necessitado de pão e de Deus, é uma autêntica fonte da caridade*

¹ Papa Francesco disse aos religiosos reunidos em Genova: “*Se imaginarmos como era a organização do horário do dia de Jesus, lendo os Evangelhos podemos afirmar que passava a maior parte do tempo na rua. Isto quer dizer proximidade das pessoas, proximidade dos problemas. Não se escondia. Mas, à noite, muitas vezes escondia-se para rezar, para estar com o Pai. E estes dois aspetos, este modo de ver Jesus, na rua e em oração, é de grande ajuda para a nossa vida do dia a dia*”. É neste texto que o Papa citou Dom Orione como exemplo de um sacerdote que “*leva uma vida de encontro, com o Senhor na oração e com as pessoas*”. (27/05/2017)

² O capítulo 9 do Evangelho de Mateus estrutura-se dentro de uma dinâmica vocacional e missionária: tal capítulo, com o versículo 36 - “*Ao ver as multidões, Jesus encheu-se de compaixão...*” – se conclui com o apelo à oração (“*Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita!*” v. 38) e o capítulo sucessivo se abre com o chamado dos doze e as instruções para a missão.

³ As três FONTES da caridade às quais recorrer vitalmente são: Vida de Deus, Vida Igreja e Vida do Povo.

apostólica e não apenas um objetivo”. Daqui deriva uma verdade fundamental: o povo não é apenas “destinatário” do nosso serviço, mas uma “fonte” que deve gerar em nós compaixão, partilha e passo carismático. É por isso que o 13º Capítulo nos pedia para *“rever e promover melhor o nosso contato com o povo, a convivência ordinária, a partilha da vida com um estilo humilde, simples, popular”*.

Nesta luz compreende-se também quanto o Papa Francisco afirma em *Lumen Fidei* (n. 18): *“A fé... vê a partir do ponto de vista de Jesus, com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver”*. A fé, portanto, não é somente crer algo sobre Deus: é receber olhos novos e entrar no modo de olhar de Cristo. E onde aprendemos concretamente este “ponto de vista de Jesus”? Aprendemo-lo lá onde Jesus se deixa encontrar: nos pequenos, nos pobres, nos sofredores, nas multidões que procuram sentido. *“O cristão pode ter os olhos de Jesus, os seus sentimentos... porque é tornado participante do seu Amor, que é o Espírito. É neste Amor que se recebe, de algum modo, a visão própria de Jesus.”* (n. 21)

Eis a consequência concreta, ao mesmo tempo evangélica e carismática: se a vida dos pobres é “fonte”, então devemos rever e promover o nosso contato com o povo. Não esporádico, não delegado, não mediado apenas pelas obras, mas pessoal e comunitário, relacional; não apenas assistência, mas partilha; não apenas serviços, mas presença; não apenas preservação restritiva dos nossos espaços, mas abertura e disponibilidade para acolher, não apenas quando “nos convém”.

“É preciso ir ao povo!”

De Dom Orione – *“homem de grandes e lúcidas visões”*, mas não um *“teórico”* – se diz que, em relação à sua realidade histórica, *“foi uma pessoa muito flexível”*. E, no entanto, *“não foi uma flexibilidade sem identidade”*, porque *“o que o guiava através de tempos tão mutáveis”* era *“o seu mundo interior, particularmente forte e inspirado”*.⁴ Era uma *“flexibilidade enraizada”*: tinha *“princípio e fundamento”*, nascia de um centro habitado por *“somente Deus”*. Justamente porque tinha um *“dentro”* sólido, podia atravessar um *“fora”* mutável sem perder a identidade.

Esta flexibilidade era caracterizada por um modo de olhar que não se detinha na superfície dos fatos, mas os acolhia como apelo de Deus e do povo. Dom Orione não observava de modo distante: frequentava a realidade, lia o seu tempo, compreendia as transformações do mundo do trabalho e o surgimento de novos protagonistas populares. Esta capacidade não amadureceu na solidão, nem nos livros⁵: formou-se dentro de uma trama de relações, associações, iniciativas eclesiais e populares, sobretudo nos anos em que foi sacristão da Catedral⁶ e no clima pastoral do governo de Dom Igino Bandi⁷. Ali o jovem Luís Orione

⁴ Cfr. PELOSO, F. Il Tempo di Don Orione, p. 3.

⁵ Don Ignazio Terzi colheu com precisão a questão: *“Dom Orione não é um sociólogo, nem mesmo podemos dizer talvez que era um grande pensador. As suas intuições derivam de uma vida vivida (a sua origem familiar, as suas dificuldades para alcançar o sacerdócio), por um profundo amor ao povo...”* In: TERZI I. Don Orione nel centenario della nascita 1872-1972, pag. 154.

⁶ Cfr. LANZA A. I fondamenti della gioia di Don Orione. In: Atti 187 (Gennaio-Aprile 1995), pag. 47-67. In particolare, il punto n. 3: *“Quali le libertà che il giovane Orione aveva (come custode del Duomo)”*.

⁷ *“O encontro decisivo que orientou o apostolado social do jovem Dom Orione, sobretudo no mundo do trabalho, foi Mons. Igino Bandi, bispo de Tortona de 1890 a 1914, um prelado na vanguarda nacional do catolicismo socialmente engajado. Dom Orione compartilhou com paixão as múltiplas iniciativas sociais e pastorais deste seu Bispo, inspiradas nas indicações das Encíclicas sociais de Leão XIII e da Rerum Novarum.”*. CLERICI, P. Lavoro manuale, santa fatica, spirito di sacrificio. In: Messaggi 156, pag. 17.

aprendeu a estar onde estão as necessidades do povo e a traduzir a caridade em respostas concretas, inteligentes e organizadas. Naquele contexto não permaneceu espectador: escolheu os lugares em que a fé se tornava serviço e responsabilidade.

Na Conferência de São Vicente aprendeu um método de caridade: não a distância, mas a proximidade; não a pressa, mas o tempo doado. Não podendo oferecer dinheiro, ofertou-se a si mesmo: visita às famílias e aos pobres, educando-se a ler a miséria “localmente”.⁸ Na Sociedade Operária Católica “São Marciano”, por sua vez, entrou em contato direto com o mundo do trabalho e com os seus sofrimentos: compreendeu que a caridade não é apenas esmola, mas também promoção, dignidade, tutela, solidariedade para com quem corre o risco de ser esmagado pela precariedade.⁹ E, no contexto do catolicismo social da época, marcado pela *Opera dei Congressi*, assimilou uma intuição decisiva: a caridade exige impulso do coração, mas também leitura compartilhada da realidade e capacidade de trabalhar em rede. Assim, a sua participação associativa fez dele verdadeiramente um sacerdote capaz de unir ardor espiritual e realismo social, fidelidade à Igreja e criatividade operativa.¹⁰

Outro aspecto ilumina o seu modo de entrar numa nova realidade e de interpretá-la: mover-se “em chave eclesial”. Emblemática, por exemplo, é a sua inserção no Brasil: chegando ao Rio de Janeiro em 1921, no mesmo dia do desembarque (20 de agosto) já teve um encontro com o Núncio Apostólico; e, antes de partir para Mar de Espanha, onde residiam os primeiros missionários, quis encontrar o Cardeal Arcebispo, Mons. Arcoverde Albuquerque, e o seu Auxiliar, Mons. Sebastião Leme. Além disso, a sua permanência foi marcada também por encontros com os Arcebispos de Mariana e de São Paulo, para partilhar orientações e projetos pastorais. Não se tratava de simples “protocolo”, mas da opção concreta de ler a realidade dentro da vida da Igreja local, escutando as suas urgências e indicações, para melhor servir.¹¹

Assim, Dom Orione tornou-se um atento observador da realidade. O seu olhar, profundamente humano e ao mesmo tempo eclesial, não se detinha na simples constatação: discernia os fatos à luz da fé, em comunhão com a Igreja e no abandono à Providência, para servir com amor. A sua origem familiar pobre, as experiências associativas, a familiaridade com os pobres, o contato com o mundo do trabalho e a atenção às Igrejas locais ensinaram-lhe um método essencial: encontrar, escutar, ler os sinais dos tempos, agir com decisão.

Desta escola nasceu o “*estrategista da caridade*”, “*uma das personalidades mais eminentes deste século pela sua fé cristã abertamente professada e pela sua caridade heroicamente vivida*”. O seu segredo, a sua genialidade? “*Ele se deixou conduzir somente e sempre pela lógica cerrada do amor!*”.¹²

⁸ Consta que Dom Orione e Lorenzo Perosi “iam todas as semanas aos baluartes da velha cidade, pelas choupanas e também aos pobres casebres dos sótãos, para encontrar os pobres e distribuir-lhes os auxílios da Conferência de São Vicente, da qual eram os membros mais jovens”. In: LANZA. Op. cit. pag. 53.

⁹ “*Enquanto o clérigo Orione era sacristão da Catedral, participava ativamente da Sociedade Operária Católica São Marziano, em Tortona; tratava-se de uma sociedade de socorro mútuo, voltada, de modo especial, ao amparo e à assistência dos operários e trabalhadores, com fornecimento de remédios aos doentes e ajuda financeira às viúvas e aos órfãos.*”. CLERICI, P. Lavoro manuale... Op. Cit. In: *Messaggi* 156, pag. 17.

¹⁰ “*A obra fervorosa de Leão XIII, dos Bispos, do clero e das lideranças leigas, no final do século XIX, conseguiu mobilizar as massas populares para a ‘causa de Cristo, da Igreja e da Pátria’.* Trata-se de um momento muito vivo e exuberante da vida da Igreja italiana. O eixo importante desta ‘mobilização das consciências’ é a *Opera dei Congressi* e dos Comitês Católicos.” PELOSO F., In: San Luigi Orione: da Tortona al mondo, pg. 75.

¹¹ Esta sensibilidade de Dom Orione traduz-se em norma nas Constituições: “*No desenvolvimento de [uma missão apostólica específica], empregamos todas as nossas forças e nos atemos fielmente às orientações e aos planos pastorais da Igreja, de modo que, convencidos de que a nossa ação apostólica é exercida em nome e por mandato da Igreja, ela seja sempre conduzida por nós em plena comunhão com ela.*” (Art. 117).

¹² Cfr. João Paulo II na Homilia da Beatificação, 26/10/1980.

Do “pai” aos “filhos”

A nossa história mostra como o carisma de Dom Orione gerou filhos: confrades que, sem procurar o heroísmo, mas com fé e espírito de sacrifício, souberam unir inteligência e coração, paixão e iniciativa. Guiados pela Providência e por aquela “*lógica cerrada do amor*”, que foi o segredo do Fundador, tornaram-se atentos observadores da realidade e aprenderam a responder com criatividade, transformando a caridade em obras e escolhas concretas.

Muitos foram “gerados” por Dom Orione também de modo direto: conheceram-no, escutaram-no, foram moldados por ele. Angelo Mugnai, clérigo no Paterno (1931-32; 1936-38), oferece um testemunho luminoso: recorda como Dom Orione sabia conquistar os corações sobretudo na “*Boa Noite*”, quando abria o coração. Era um pai que falava aos seus filhos – “*e que pai!*”. Transmítia aquilo que não se aprende apenas na teoria: paixão por Cristo e pelos pobres, gosto pelo sacrifício por amor, certeza de que a Providência jamais abandona. O missionário nasce assim: de um coração aceso que acende outros corações.¹³

Para o tema que estamos desenvolvendo, é particularmente iluminador seguir este fio geracional – Dom Orione e P. Mugnai, do Pai Fundador ao filho – e recordar um episódio paradigmático das origens da missão de Bonoua, na Costa do Marfim. Tudo começa com o desejo de P. Mugnai de encontrar a realidade africana “*de perto*”. No diário ele anota: “*Começarei a contar desde o dia em que, cansado, sedento e suado, depois de um longo percurso pelos vários povoados, parei junto a um campo. Na chegada aos povoados, os primeiros a correr ao nosso encontro eram as crianças.*” Um dia, porém, um detalhe detém o seu olhar: um menino não corre, permanece sentado no chão; depois, vendo o missionário, arrasta-se com as mãos e os joelhos até desaparecer numa cabana. Esse gesto, aparentemente insignificante, provoca nele uma grande interrogação. Nos dias seguintes o menino não aparece. P. Mugnai torna-se mais atento e descobre que não é um caso isolado: outras crianças se comportam do mesmo modo.

A verdade que emerge é amarga: crianças com deficiência, marcadas pela poliomielite ou por malformações congênitas, escondidas não por maldade, mas por medo e por interpretações religiosas distorcidas: “castigo”, “maldição”. Trata-se de uma realidade entrelaçada de dor, ignorância sanitária, tradição cultural, vergonha social. Padre Mugnai não reage com dureza nem com juízos: reflete, reza, aconselha-se. Procura um caminho que abra um futuro.

Depois de ler a realidade, a resposta toma a forma simples e genial da caridade concreta: cadeiras de rodas, carrinhos, muletas. Sinais humildes, sustentados por uma solidariedade que chega de longe, de Gênova, num contêiner. Pequenos instrumentos, capazes, porém, de mudar uma mentalidade. Num domingo, P. Mugnai faz com que um menino acometido pela poliomielite seja levado à igreja numa cadeira de rodas. Escreve: “*A surpresa da comunidade à entrada na Igreja do menino na cadeira de rodas ainda está diante dos meus olhos.*”

Ele havia falado antes com os anciãos e preparado o terreno. No altar anuncia uma verdade que liberta: não maldição, mas doença; não castigo, mas fragilidade a ser cuidada e

¹³ P. Roberto Simionato, ao apresentar o Quaderno 92 de Messaggi, intitulado “A tempi di Don Orione”, afirma: “A formação dada por Dom Orione, rica de paternidade e, ao mesmo tempo, de austeridade, de estímulos à santidade, penetrou profundamente na consciência e no coração daqueles jovens...”. E Dom Mugnai o confirma: “Sabia muito bem conquistar os nossos ânimos, sabia comover-nos sobretudo quando nos abria o seu coração na ‘Boa-noite’. Então caíam as barreiras, caíam as distâncias: era o ‘pai’ (e que ‘pai!’) que se revelava aos seus filhos” In: Messaggi n. 92, pag. 52.

acompanhada; não exclusão, mas integração. E abre uma nova visão: aquele menino pode ir à igreja, ao mercado, à escola, aprender um trabalho. Pode viver no meio de nós. O povo compreende e aplaude. Nos domingos seguintes, o pátio da igreja se enche de cadeiras de rodas: cerca de vinte rapazes, não como exibição, mas como sinal de uma mudança cultural apenas iniciada.

O fruto mais eloquente desta “Páscoa cultural” será expresso por um jovem, anos depois, durante a inauguração do Bloco Operatório: *“Arrastávamo-nos como serpentes; agora estamos erguidos sobre as nossas próteses e podemos olhar as pessoas nos olhos. Somos finalmente seres humanos.”*

Eis a passagem lógica e coerente: Dom Orione havia aprendido a observar a realidade “de perto”, a lê-la em comunhão eclesial, a responder com obras possíveis e proféticas. P. Mugnai, filho desta escola, faz o mesmo: observa, deixa-se interpelar por uma ferida social, discerne, envolve a comunidade, age com criatividade, constrói futuro.

Bonoua tornou-se, assim, um “lugar carismático”: não um apelo nostálgico ao passado, mas uma fonte para o futuro, para reencontrar o fervor dos primeiros missionários que encarnaram e inculturaram as intuições de Dom Orione. Em particular:

- **proximidade e compaixão:** ver e sentir a necessidade do outro, para que os pobres experimentem que “a Divina Providência existe”;
- **leitura inteligente da realidade:** paciência para compreender e resposta simples e eficaz, capaz de transformar a situação de fragilidade, também a cultura e a sociedade;
- **confiança empreendedora na Providência:** buscar apoio para a missão, construindo uma rede de voluntários, benfeitores e amigos.

Estes dinamismos – proximidade e compaixão, discernimento e resposta criativa – entrelaçam-se em muitas obras e atividades da Congregação, ontem como hoje. Outro exemplo histórico é a missão no norte de Goiás (Brasil, 1952), onde a presença orionita assumiu a forma de uma verdadeira “arquitetura da caridade”: em cada povoado, a igreja ao centro, e ao lado dela, de uma parte a escola e da outra o dispensário. Nesse contexto, para citar apenas um exemplo, destacou-se a figura de Padre Quinto Tonini, formado na escola de Dom Orione “vivo” e enfermeiro instruído pela Cruz Vermelha Internacional: deu forma a uma nova caridade preparando um grupo de voluntárias, “*As Samaritanas*”, para visitas domiciliares, leitura da realidade social e epidemiológica, acompanhamento das gestantes e cuidado dos doentes acamados.

Como se vê, temos “*uma gloriosa história para recordar e narrar*”, mas também “*uma grande história para construir*”. Por isso, “*olhem para o futuro, no qual o Espírito nos projeta para realizar conosco ainda grandes coisas*” (cf. *Vita Consecrata* 110).

O acolhimento da proposta do Observatório da Pobreza

O 15º Capítulo Geral, na Linha de Ação n. 8, entregou-nos um mandato claro: para que toda a Família saiba responder às perguntas sempre novas do território, em todos os níveis promova-se um “Observatório da Pobreza”, capaz de estimular e, quando necessário, organizar novas respostas caritativas.

Em 2022, após a publicação do Documento final, um encontro com os Superiores Provinciais e Delegados permitiu aprofundar a proposta e partilhar orientações antes das assembleias de programação. No diálogo, emergiu que nem sempre é possível reproduzir modelos complexos (como algumas experiências estruturadas da Caritas Italiana). Contudo,

reafirmou-se o valor do Observatório, antes de tudo como instrumento formativo para nós, religiosos, para que não nos fechemos naquilo que já fazemos e aprendamos a ler as pobreza emergentes, reconhecer as possibilidades, dar passos concretos em direção a necessidades muitas vezes “diante dos nossos olhos”.

Foi também sublinhado que o Observatório adquire maior eficácia quando envolve os leigos e a Família Carismática, valorizando Secretariados e voluntariado, e quando se põe em rede com aquilo que já existe no território, especialmente em colaboração com a Caritas Diocesana. Emergiu, por fim, a necessidade de uma conversão pastoral, sobretudo onde predominam as paróquias, para que não se restrinjam ao âmbito cultural, mas se tornem cada vez mais orionitas: abertas à dimensão social e atentas às feridas reais das pessoas.

Três anos depois do Capítulo, em outubro de 2025, na Assembleia Geral, a avaliação da Linha n. 8 constatou que, embora se registrassem numerosas iniciativas caritativas em emergências, de fronteira e ligadas aos migrantes, a proposta do Observatório ainda não tinha uma ressonância organizativa difundida: apenas uma Província declarava tê-lo realizado, enquanto outra manifestava a intenção de constituir equipes locais nas obras e nas paróquias.

Como sabemos, a Assembleia de Avaliação tem o objetivo de relançar o Capítulo e promover o cumprimento das suas disposições. Portanto, para que a decisão sobre o Observatório da Pobreza não permaneça apenas no papel, é preciso recomençar (cf. Norma 176).

“Chamados a nos identificar com o coração de Deus”

Segundo o Papa Leão XIV, “na Sagrada Escritura há um texto que deve ser tomado sempre como ponto de partida”. Trata-se de Êxodo 3, isto é, da revelação de Deus a Moisés junto à sarça ardente. Nessa página bíblica, como já refletimos, “Deus se mostra solícito às necessidades dos pobres”. Por isso, diz o Papa, “somos chamados a nos identificar com o coração de Deus, que é atento às necessidades dos seus filhos e especialmente dos mais necessitados”.¹⁴ Aprender a reagir à realidade como Deus reage.

Como relançar, portanto, a proposta capitular com simplicidade e decisão?

Além das inspirações que estas páginas possam ter suscitado, eis alguns passos concretos:

1. Retomar as indicações do 15º Capítulo Geral, especialmente a Linha de Ação n. 8: “*Estilo de vida pobre para o apostolado entre os pobres*”. Nessa Linha, juntamente com a proposta do Observatório da Pobreza (Proposta A), o Capítulo oferece outras pistas para favorecer a nossa conversão ao clamor dos pobres:

- **Proposta B (n. 55):** recorda a escolha profética de uma presença de fronteira já assumida em algumas Províncias/Delegações. Neste caso, proponho valorizar essas novas aberturas, de modo que a “fronteira” se torne uma “escola” capaz de reacender a paixão missionária em toda a Província/Delegação. Recordo também que a Proposta pede para promover uma experiência na qual os religiosos possam “*partilhar a vida dos pobres*”.
- **Proposta C (n. 56):** exorta-nos a projetar respostas concretas às pobreza emergentes, trabalhando em rede com a Família Carismática, com outros Institutos e, de modo particular, com as dioceses. As pobreza de hoje são complexas e não se enfrentam na solidão.

¹⁴ Cfr. *Dilexit te* 8. No texto, Papa Leão XIV se inspira a uma passagem determinante de *Evangelii Gaudium* (n. 187): “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres... isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto”.

- **Proposta D (n. 57):** pede a cada Comunidade religiosa que envolva os próprios leigos na identificação de uma situação local de pobreza urgente, para uma resposta concreta, “com estilo orionita”.
- **Proposta E (n. 58):** põe o acento na necessidade de que cada religioso assuma um estilo de vida pobre, pedindo que esta dimensão se torne objeto de avaliação constante na programação comunitária. Neste sentido, ressoam como advertência as palavras de P. Cremaschi: “*Para compreender bem o pobre, é preciso o pobre! Eis o significado da estrita pobreza professada pela nossa Congregação. Os ricos dificilmente entendem os pobres. Dom Orione compreendeu os pobres, porque nasceu pobre, viveu pobre e morreu pobre!*”¹⁵. Esta reflexão pede-nos uma revisão de vida, também para eliminar o risco de perceber a consagração como oportunidade de ascensão social ou econômica. Como nos recorda Papa Francisco: “*O sacerdócio e a vida consagrada não são instrumentos de ascensão social ou carreira, mas um dom total a Deus e aos irmãos*”.

2. Fazer das paróquias verdadeiros “laboratórios de caridade”: As paróquias representam um interlocutor privilegiado para concretizar o Observatório da Pobreza. Elas possuem um ponto de vista natural e único sobre o território: a proximidade cotidiana, as redes de relações, as visitas aos doentes e aos idosos, a escuta das famílias e o conhecimento dos pobres muitas vezes “silenciosos”. Por isso, devem ser não apenas valorizadas, mas ativamente envolvidas para que a comunidade cristã cresça na capacidade de ler a realidade e mobilizar-se em escolhas de caridade. É decisivo sustentar e fortalecer os grupos caritativos (Caritas paroquial, São Vicente, voluntariado, visitas domiciliares...), colocando-os em rede com os recursos já existentes. Dom Orione indicava uma prática sábia: “*É prática entre nós unir sempre à obra de culto uma obra de caridade*”.¹⁶ Devemos fazer das nossas paróquias não apenas lugares de culto, mas espaços capazes de gerar respostas para “operar a caridade”.

3. Utilizar o Balanço Apostólico como instrumento de avaliação: Se queremos que as nossas Obras estejam realmente em escuta do território e sejam capazes de responder carismaticamente aos seus apelos, o Balanço Apostólico oferece-nos um caminho estruturado para a avaliação e o crescimento. Através dos valores “*Faróis de Fé e de Civilização: relação pastoral com o território*” e “*À frente dos tempos*”, o Balanço ajuda a discernir se existem espaços para interceptar novas emergências (indo além das respostas já institucionalizadas) e a medir o efetivo diálogo com os recursos territoriais.

4. Manter a formação inicial aberta às “novas pobreza”: As nossas Constituições indicam com clareza que a formação é um caminho de progressiva assimilação da vocação orionita (art. 99). Portanto, ela deve permanecer apostolicamente aberta: os jovens religiosos são chamados a manter um contato vivo e real com o mundo que será o seu futuro campo de missão (art. 101), evitando que o itinerário formativo se reduza a um ambiente protegido e separado da vida do povo. Para isso, o nosso itinerário prevê o “tirocínio” numa obra, como contato imediato com o apostolado característico da Congregação (art. 102). Também o estudo nunca é fim em si mesmo, mas deve harmonizar a especulação com o sentido prático dos problemas da vida (art. 106), formando religiosos capazes de ler a realidade com inteligência evangélica. Para quem se encaminha ao sacerdócio, a preparação para o ministério não pode limitar-se à catequese e à liturgia, mas deve incluir “*de modo essencial as obras de caridade*” (art. 108). É preciso, portanto, acompanhar o estudo e a vida sacramental com experiências estáveis e verificáveis de serviço aos pobres.

¹⁵ As palavras de Don Cremaschi estão em: *Messaggi* n. 36, pag. 28. O texto de Papa Francisco foi pronunciado em 28 de março de 2014 num encontro com os Bispos do Madagascar.

¹⁶ In: *Scritti* 53, 39; Também: *Parola* 3, 148: “*Onde nasce uma obra de culto devemos unir uma obra de caridade*”.

5. “Momento Observatório”: Proponho aos Conselhos Provinciais e de Delegação realizar, numa das próximas reuniões, um “Momento Observatório da Pobreza”. Será um tempo dedicado a ler a realidade provincial/de delegação, respondendo a perguntas essenciais: *Quais clamores são mais urgentes e estão “diante dos nossos olhos”? Onde a nossa presença é chamada à conversão (no estilo, na forma, nas prioridades)? Quais passos concretos são possíveis? É necessária uma intervenção do Conselho para apoiar alguma presença local? Como motivar as realidades locais a organizar alguma equipe para um trabalho de Observação?* Esta mesma dinâmica de discernimento poderia ser reproduzida também dentro de cada Comunidade local ou Obra de caridade.

Caríssimos Confrades,

numa pregação de 1939, Dom Orione perguntava-se: *“Que quer dizer desposar a pobreza?”*. E logo orienta a resposta para a radicalidade evangélica: *“Quer dizer, por acaso, desposar teoricamente a pobreza? Quer dizer fazer voto de pobreza? Mais! Quer dizer praticar a pobreza? Mais! Quer dizer ficar apegado à pobreza? Mais! Mais! Mais!”*. E depois põe em foco o essencial: *“Desposar a pobreza quer dizer fazer da vida um holocausto pelos pobres, pelos humildes, pelos leprosos...”*, porque *“somos chamados a consagrar a vida pelo povo mais pobre, por tantos aflitos e rejeitados nossos irmãos...”*¹⁷

Dom Orione conduz-nos ao ponto fundamental: a pobreza não se “desposa” com discursos, mas com uma vida que se deixa consumir pelo amor; não com uma adesão teórica, mas com uma proximidade real, capaz de encarnar-se nas feridas dos desamparados. É aqui que o nosso carisma reencontra o seu centro: quando o pobre não permanece à margem da nossa sensibilidade, mas se torna critério das nossas prioridades, das nossas atenções pastorais, do nosso estilo de vida.

O “Observatório da Pobreza”, portanto, deve ser entendido, antes de tudo, como um instrumento para educar e orientar o coração, para que se realize o sonho capitular de uma *“Família Religiosa que passe cada vez mais das obras de caridade a operar a caridade, que ponha cada vez mais a ênfase num estilo de vida pobre entre os pobres, que dá credibilidade à nossa missão”*, deixando *“as nossas comodidades para enfrentar novas realidades à imagem de Cristo”*.

Somente um olhar educado pela Eucaristia e pela convivência com o povo nos liberta do risco de uma caridade simplesmente “institucionalizada” e, hoje, também do perigo sutil de nos isolarmos numa realidade “virtual”, feita de impressões, narrativas e debates que já não tocam a carne. A observação e o contato com o território e com o povo devolvem-nos, ao contrário, a concretude: os pobres não são uma ideia nem uma categoria, mas rostos, histórias, feridas e esperanças reais. É este retorno ao real que nos restitui a coragem de *“lançar-nos no fogo dos tempos novos”* com criatividade e coragem.

Confio os nossos sonhos à Divina Providência e à intercessão de São Luís Orione, *“pai dos pobres e insigne benfeitor da humanidade sofredora e abandonada”*, para que nos conceda um coração livre e pobre, capaz de olhar e de amar de verdade.

Fraternalmente,


P. Tarcísio G. Vieira
Diretor geral



¹⁷ In: *Lo Spirito di Don Orione*, Vol. V, pag. 79-80